

The Post-Corporate World: Life after Capitalism

David C. Korten, San Francisco, Berrett-Koehler Publishers – Kumarian Press,
1999, 318 p.
www.bkpub.com

Com tanto liberalismo por aí, é surpreendente encontrar títulos como *A sociedade pós-capitalista* de Peter Drucker, ou *O mundo pós-corporativo* de David Korten. São aparências. Quem está por cima não é o liberalismo, doutrina que tinha pés e cabeça em outra era, mas forças novas que se ergueram em nome dos seus princípios, e que representam outra realidade. O confronto entre estatismo e liberalismo está morto. O estatismo, forma tardia das simplificações da esquerda comunista, morreu de morte morrida e oficial. O liberalismo morreu de forma discreta, pois as mega-empresas que regem o planeta carregam os seus estandartes, ainda que o defunto esteja bem enterrado.

É tão cômodo intitular-se *forças do mercado*. Como lemos esta fórmula dezenas de vezes por dia em qualquer meio de comunicação, acabamos convencidos. Na realidade, gigantescas empresas transnacionais, os chamados *investidores institucionais*, manipulam as poupanças do planeta num cassino generalizado onde o que importa é dominar a informação, e não aplicar o dinheiro produtivamente. Chamar estes grupos de *forças do mercado* é uma ofensa não só a Adam Smith como a todos os que tentaram detalhar as leis do mercado ulteriormente.

O império da mídia descobriu o valor da manipulação, do *Grande Irmão* com sorriso de Gugu. Vende-se uma camiseta de clube a 40 reais (custo de produção menos de 5), um tênis Nike a 100 (custo de produção menos de 15), um tubo de vitamina C a 5 reais (custo da vitamina C incluída 3 centávos), e se declara que o que impera é a livre concorrência. As empresas descobriram que marretando suficiente publicidade, é possível aumentar o valor psicológico, e que com as novas tecnologias embutidas o cliente não sabe o que está pagando.

As grandes cadeias de produção do planeta estão reduzidas a meia dúzia de nomes que controlam cada setor. Cria-se um monopólio nacional, para enfrentar o *mercado* internacional. Tem lógica. Só que no plano mundial dominam hoje o processo produtivo cerca de 500 a 600 empresas que aprenderam a conviver como cavalheiros, e a elevar os preços conjuntamente, como se erguem as taças de champagne. Curiosa entrevista foi apresentada na CBN, sugerindo que, como as montadoras brasileiras (!) elevam os preços sempre juntas e nos mesmos montantes, talvez haja alguma suspeita de coleguismo.

A nossa compreensão do fenômeno não é ampla: os meios de informação hoje são monopolizados por personagens como Turner, Murdoch, Bertelsmann, Gates e outros, todos insuspeitos de querer desancar o sistema. Se reforçarmos o monopólio da Globo no Brasil, será ótimo para o mercado, pois poderemos concorrer com os gigantes mundiais. A Globo, aliás, apresentou simpaticamente os produtores de tomate que não conseguiam 4

reais por caixa, e jogavam o produto fora, enquanto o consumidor pagava o equivalente de uma caixa a 45 reais.

Tudo isto é mercado. Inclusive a imensa campanha que as empresas de cigarro fizeram para atrair para o fumo menores na faixa de 14 anos, baseados em pesquisa de que quem começa nesta idade terá menores chances de largar o vício. É a liberdade de escolher, como dizia Friedmann.

Combater o liberalismo fica assim uma coisa sem sentido, pois não se derruba um fantasma. O melhor, aliás, é seguir Manuel Castells, que envereda por caminho novo, na linha da *sociedade em rede*, e resolve a questão do liberalismo citando *Durito*, conselheiro dos Zapatistas: "O neo-liberalismo não tem a mínima coerência, não tem planos nem perspectiva histórica. Quer dizer, é pura merda teórica". Não se trata de leviandade: trata-se de entender que estamos enfrentando uma nova realidade, e que, em consequência, enterrar os defuntos deixa o campo mais claro para a análise.

Korten mostra bem o desequilíbrio gerado no plano da lógica do sistema: "Quando a corporação moderna reúne o poder da tecnologia moderna e o poder da grande massa de capital, reúne simultaneamente o cientista cuja auto-percepção de responsabilidade moral se limita a fazer avançar o conhecimento objetivo instrumental, e o executivo corporativo cuja autopercepção de responsabilidade moral se resume a maximizar os lucros da corporação. O resultado é um sistema onde o poder e a competência técnica estão desvinculados da responsabilização moral, onde os valores instrumentais e financeiros atropelam os valores da vida, e onde o que é prático e lucrativo toma precedência sobre o que é vital e responsável."

A reconstrução passa por uma mudança de paradigma ético da sociedade. No capitalismo das corporações, tudo se legitima num tipo de darwinismo primitivo, que legitima a luta pela sobrevivência, legitimando automaticamente quem vence, pois demonstrou ser mais apto. Korten parte de uma outra visão da natureza, onde os sistemas que funcionam são sistemas que cooperam, que se articulam de maneira inteligente. Entre os microorganismos que fertilizam o solo, e a árvore, e até o pássaro que se alimenta da árvore e espalha a sua semente, há uma sucessão de relações de dependência e de colaboração.

Partindo desta visão, Korten reconstrói o que poderiam ser as regras do jogo da economia, da organização social, da cultura, da política, dos jogos de poder. Não cabe numa resenha resumir o que está bem escrito. Mas vale a pena apontar algumas das alternativas que Korten estuda.

Apesar das grandes corporações da mídia, milhares de comunidades pelo planeta afora estão criando rádios comunitárias, televisões comunitárias, que permitem a promoção de ações e eventos locais, servem de articulação das iniciativas dos mais diversos grupos, fazendo programas com as próprias crianças do bairro, assistidos gostosamente pelas famílias que reconhecem os seus. Constrói-se assim a alternativa cultural à globalização.

Milhões de pessoas pelo mundo afora estão deixando de colocar o seu dinheiro nos bancos privados que servem a mecanismos mundiais de especulação, e afluindo para os bancos

comunitários de diversos tipos, como o Grameen na Ásia, (ou o banco Portosol de Porto Alegre), que estão surgindo com tanto rapidez pelo planeta afora.

Milhões de pessoas no planeta estão passando a consumir segundo critérios de responsabilidade social e ambiental, evitando nos supermercados e nas lojas produtos associados com trabalho infantil, com agro-tóxicos. O fenômeno é suficientemente poderoso para que milhares de empresas busquem hoje reconstruir a sua reputação, batalham o direito ao "selo verde" nos seus produtos, e um sem-número de iniciativas semelhantes.

Já se constituiu um movimento poderoso de pessoas que exigem dos seus bancos, das empresas de investimento onde colocam as suas poupanças, que o dinheiro não seja aplicado em empresas que prejudicam o meio ambiente, que comercializam armas e assim por diante. O movimento Transparência Internacional, hoje existente em 77 países, obteve a exclusão de dezenas de grandes empresas de qualquer financiamento que envolva recursos do Banco Mundial, por uso de corrupção para obtenção de contratos.

Milhões de pessoas idosas, membros da chamada terceira idade, frequentemente confinados num tipo de *sala de espera* nos apartamentos ou casas urbanos, estão descobrindo que podem, individualmente, ou organizados em grupos e associações, passar a utilizar as décadas de vida útil que têm pela frente ajudando a gerir a comunidade a que pertencem, animando espaços de lazer e de cultura, organizando o enraizamento comunitário de saúde preventiva, contribuindo para arborizar os bairros, e assim por diante. Podem (e apenas *podem*) não dominar as últimas tecnologias cibernéticas, mas têm um imenso conhecimento humano, que é o que mais falta, e um formidável capital de tempo disponível.

Korten analisa as experiências, dá as fontes, com acesso internet, das organizações que desenvolvem este e outros tipos de atividades. Neste sentido o livro é um instrumento de trabalho.

Muitos já leram outro trabalho de Korten, de grande impacto internacional, *Quando as Corporações regem o Mundo* (editora Futura, no Brasil), que estuda como funcionam as corporações no nível planetário. Neste novo trabalho, *The Post-Corporate World*, Korten mostra como se constroem as alternativas. Pela amplitude em termos de abrangência teórica, e pela simplicidade na sistematização, esta é uma leitura obrigatória para os que estão cansados de debates antigos. Korten coloca claramente o debate no século XXI.

Ladislau Dowbor, 59, é doutor em Ciências Econômicas pela Escola Central de Planejamento e Estatística de Varsóvia, professor titular da PUC de São Paulo e da Universidade Metodista de São Paulo, e consultor de diversas agências das Nações Unidas. É autor de "A Reprodução Social", editora Vozes 1998, e de numerosos trabalhos sobre planejamento econômico e social. Foi Secretário de Negócios Extraordinários da Prefeitura de São Paulo. Fone: (011) 3872-9877; FAX: (011) 3871-2911; *E-mail* ladislau@ppbr.com ; artigos e estudos disponíveis na *home page* <http://ppbr.com/ld>